

C O L E Ç Ã O

HISTÓRIA GERAL DA ÁFRICA



Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura

Representação
no Brasil

Ministério
da Educação



E d i ç ã o e m P o r t u g u ê s



Cerâmica ≈ Núbia Cristã



HISTÓRIA GERAL DA ÁFRICA

A DESCOBERTA DE UM CONTINENTE

A coleção História Geral da África, publicada pela UNESCO (coleção HGA-UNESCO) a partir dos anos 1980, é ainda hoje a principal obra de referência sobre o assunto. Foi produzida ao longo de 30 anos por mais de 350 especialistas das mais variadas áreas do conhecimento, sob a direção de um Comitê Científico Internacional formado por 39 intelectuais, dos quais dois terços eram africanos. Com versão completa editada em inglês, francês e árabe, a Coleção agora é disponibilizada em português com os oito volumes que a compõem.

A obra permite compreender o desenvolvimento histórico dos povos africanos e sua relação com outros povos a partir de uma visão panorâmica, diacrônica e objetiva, obtida a partir de dentro do continente. Por isso, é considerada um divisor de águas na historiografia da região, rompendo com a racialização sistemática que contamina os manuais de história da África.

Diante da relevância da pesquisa, a UNESCO no Brasil contou com a parceria e o financiamento do Ministério da Educação, por meio da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad/MEC), e com a *expertise* da Universidade Federal de São Carlos para editar e publicar a obra em português.

Ao ajudar a ampliar o conhecimento da sociedade brasileira sobre as diferentes formas com que os saberes africanos têm colaborado, desde tempos imemoriais, para a cultura e a produção do conhecimento científico mundial, a coleção HGA-UNESCO contribui também para a transformação das relações étnico-raciais no Brasil. Isso porque, além de oferecer material de significativa qualidade para uso de pesquisadores, a obra serve de base para a criação de materiais pedagógicos para utilização em sala de aula.

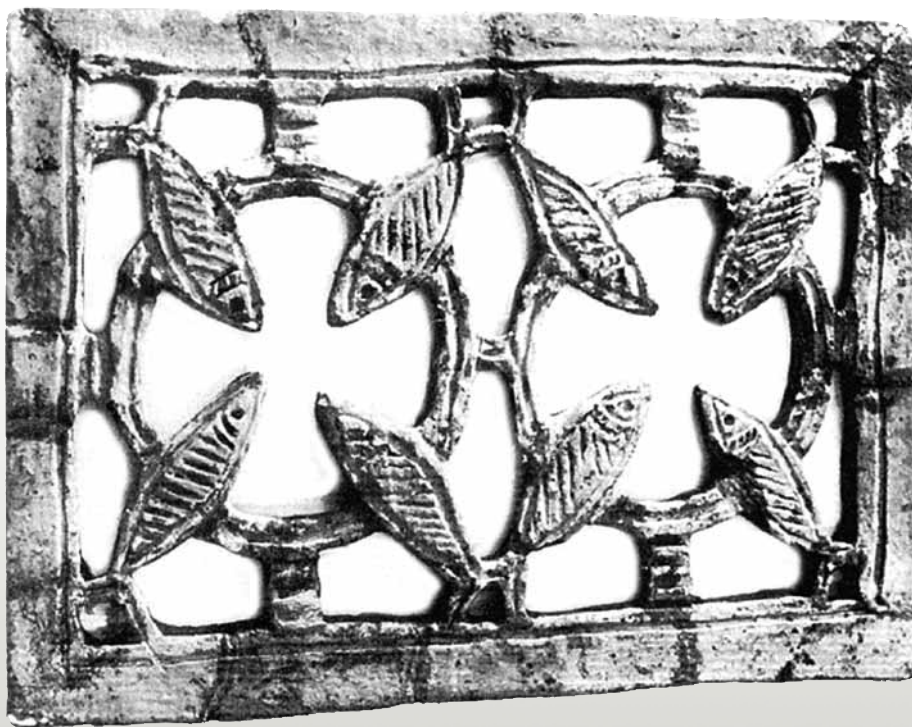
A obra, que será distribuída a todas as bibliotecas e universidades públicas brasileiras, é uma contribuição fundamental para disseminar no Brasil a desconstrução intelectual pela qual finalmente passa a historiografia africana.



O CONHECIMENTO COMO AFIRMAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS

Interessa voltar aos meados do século passado para perceber a perfeita consonância entre o projeto da História Geral da África com as razões da própria origem da UNESCO, criada no pós-guerra, período da cisão do mundo em dois grandes blocos e da Guerra Fria, bem como das lutas de libertação dos povos africanos contra os poderes coloniais europeus.

A UNESCO surgia, em fins de 1946, como a Organização do Sistema das Nações Unidas dedicada à construção da paz por meio da educação, da ciência e da cultura. Nas suas primeiras décadas de existência, a Organização aposta firmemente na ideia de que conhecer melhor outras civilizações e culturas levaria a humanidade à compreensão da origem dos conflitos, do preconceito e da segregação raciais e, portanto, às condições para a paz. O debate político vai, no entanto, demonstrando a necessidade de se enfatizar a relação entre cultura e desenvolvimento para transformá-la em estratégia capaz, não apenas de permitir a expressão e o convívio das ideias, mas, sobretudo, de constituir identidades e afirmar direitos humanos.



Janela em terracota ≈ Sudão





Mesquita Karāwiyyin ≈ Marrocos

Nesse contexto, as nações africanas recém-independentes canalizam para a UNESCO o desejo de tomar a palavra e contar uma nova história de seu continente, rompendo assim com a perspectiva raciológica e eurocêntrica até então vigente.

Em 1964, a UNESCO assume o desafio de elaborar e publicar a História Geral da África e, para isso, procede por etapas que se iniciam pela documentação e planificação (1969-1971) até a criação de um Comitê Científico Internacional para assumir a responsabilidade intelectual do projeto e conduzir toda a produção do seu conteúdo, que só seria concluído no início da década de 1980.

Um trabalho de enorme fôlego: estudar todo o continente, mas agora a partir de seu interior. Tratava-se, portanto, de encontrar um novo ponto de vista, em bases científicas, com o objetivo de lançar luz sobre uma história comprometida durante séculos pela visão dos viajantes, colonizadores e aventureiros que o palmilharam, atendendo a interesses exógenos.



UM NOVO OLHAR PARA A ÁFRICA

Como libertar a história da África do ranço da parcialidade, do culto aos exotismos e da discriminação que impregnaram os estudos sobre o continente e ainda ecoam com tanta insistência?

Conscientes da dimensão do empreendimento, os 350 pesquisadores de diversas áreas de conhecimento envolvidos no projeto da HGA-UNESCO adotam um caminho ainda hoje inovador: o da abordagem interdisciplinar caracterizado pela complementaridade entre as fontes disponíveis e pela adoção de princípios comuns na busca de uma nova compreensão da história do continente africano.

A interdisciplinaridade permite ir além dos limites da escassez de fontes escritas, da árdua obtenção dos testemunhos da arqueologia, da complexa interpretação da tradição oral e dos estudos em linguística. Se, de um lado, existem tais dificuldades, de outro, a partir desse esforço metodológico, princípios inerentes à pesquisa científica passam a balizar o trabalho, munindo o pesquisador dos instrumentos necessários ao estudo. O caminho adotado não é simples, mas constitui a única via segura para modificar o discurso e conduzir a uma nova consciência do que é a história da África. Condição para compreender a história universal em sua totalidade.



Wole Soyinka, escritor nigeriano, recebendo o Prêmio Nobel de Literatura, em dezembro de 1986

METODOLOGIA E PRINCÍPIOS

Quatro grandes princípios nortearam a preparação da HGA-UNESCO:

≈ *Interdisciplinaridade*, para permitir que a história se torne “essa disciplina sinfônica em que a palavra é dada simultaneamente a todos os ramos do conhecimento; em que a conjunção singular das vozes se transforma de acordo com o assunto ou com os momentos da pesquisa”, como disse Ki-Zerbo, historiador, ativista político de Burquina Fasso e membro do Comitê Científico para a produção da Coleção.

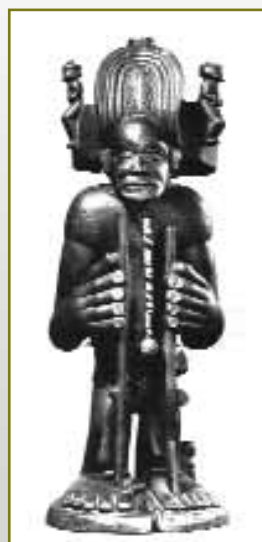
≈ *Perspectiva africana*, para contar a história do continente a partir de dentro, o que garante a consciência de si mesmo e o direito à diferença, permitindo que, finalmente, as contribuições positivas de seus povos no desenvolvimento da humanidade apareçam.

≈ *África vista em seu conjunto*, ao atribuir maior destaque aos fatores comuns aos seus diversos povos, que resultam das mesmas origens e dos intercâmbios milenares de homens, mercadorias, técnicas, ideias e conhecimento, superando o artificialismo das fronteiras nacionais herdadas da partilha colonial.

≈ *Perspectiva cultural*, ao privilegiar a história das ideias e das civilizações, das sociedades e das instituições em detrimento de uma história meramente factual, que oferece demasiado destaque aos atores, circunstâncias e influências externas.



Um griot, tradicional contador de histórias africano



Estatueta Chokwe, representando Chibinda Hunga, o legendário fundador do Império Lunda

DIVISOR DE ÁGUAS

A originalidade da abordagem, o rigor científico e metodológico e o esforço de pesquisa e apuração de dados fazem da HGA-UNESCO um divisor de águas para a historiografia do continente e dos povos africanos. A título de ilustração, vale enumerar algumas das ideias inovadoras que alicerçam a obra:

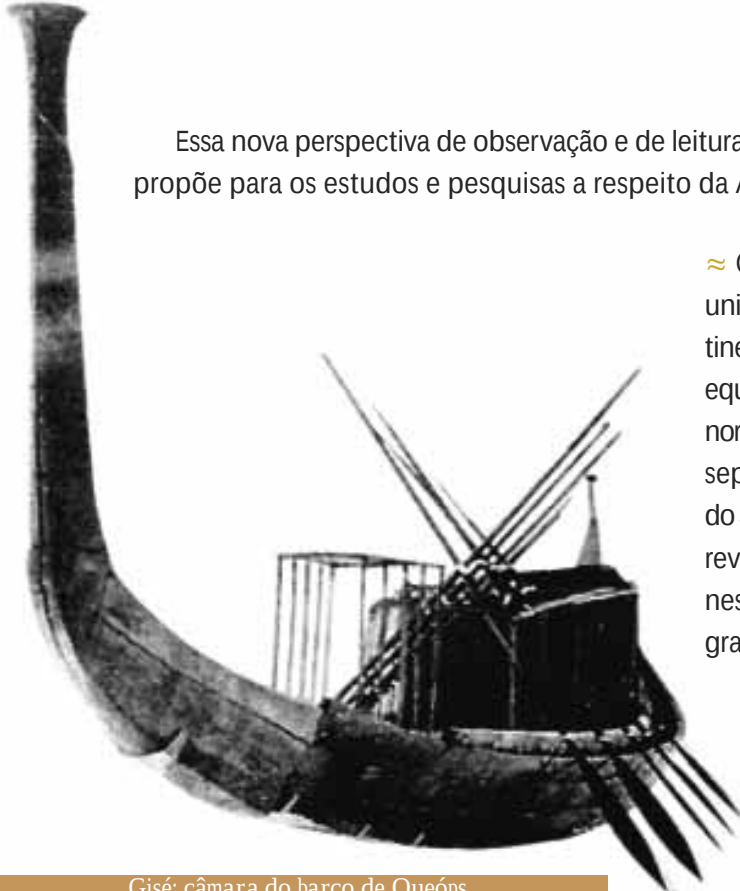
- ≈ Estabelece a centralidade do continente como o berço da humanidade e aponta os diferentes intercâmbios realizados em função de sua localização geográfica.
- ≈ Afirma a unidade cultural das civilizações africanas, apesar da diversidade de circunstâncias geográficas, históricas e socioculturais em que surgiram.
- ≈ Demonstra a continuidade da história africana em busca de superar as rupturas provocadas pela sangria demográfica e de recursos causada pelo tráfico atlântico de escravos e pelo colonialismo, evidenciando, portanto, a capacidade de resistência de seus povos mesmo em situações extremas.



Aqueduto de Chercell ≈ Argélia

Essa nova perspectiva de observação e de leitura que a HGA-UNESCO propõe para os estudos e pesquisas a respeito da África permitirá:

≈ O estabelecimento da unidade histórica do continente, por oposição à equivocada cisão entre o norte árabe e o sul negro, separados pelo deserto do Saara. Um dos aspectos revolucionários da HGA, nesse sentido, é ter integrado o Egito Antigo nas dinâmicas do continente como um todo.



Gisé: câmara do barco de Queóps

≈ O rompimento com a concepção ocidental da divisão entre Pré-História/ História Antiga, definida por um único critério: a escrita.

≈ As relações entre as diferentes partes do continente africano e outras regiões do mundo, especialmente com o sul asiático, as Américas e o Caribe, certificando os aportes africanos para outras civilizações.

≈ A resistência dos escravos deportados para a América e a sua participação em diversas lutas de libertação nacional.

A investigação minuciosa de todas essas questões oferecerá aos leitores uma compreensão mais acurada do patrimônio cultural africano e de sua contribuição para o progresso geral da humanidade. Permitirá também uma exploração muito variada de temas em todos os níveis de ensino.



Faraó Mentuhotep I

A ESTRUTURA DA COLEÇÃO

A coleção utilizou um recorte cronológico para a divisão dos volumes:

- ≈ **Volume I:** Metodologia e Pré-História da África
- ≈ **Volume II:** África Antiga
- ≈ **Volume III:** África do século VII ao XI
- ≈ **Volume IV:** África do século XII ao XVI
- ≈ **Volume V:** África do século XVI ao XVIII
- ≈ **Volume VI:** África do século XIX à década de 1880
- ≈ **Volume VII:** África sob dominação colonial, 1880-1935
- ≈ **Volume VIII:** África desde 1935



Cada volume contém em média 30 capítulos. Cada capítulo foi escrito por um ou mais especialistas, cabendo ao historiador responsável pela edição do volume introduzir os temas trabalhados e oferecer uma conclusão em que analisa diferenças e semelhanças entre o desenvolvimento histórico das diversas regiões africanas e suas relações com outras partes do mundo, para permitir que se ampliem os horizontes de compreensão do período em estudo.



Wālad Dawūd Ait Hamu, ou a *kasaba* (fortaleza e cidadela) de Mansur em Skoura, na província de Uarzazate, construída provavelmente no século XVIII ≈ **Marrocos**

CONTEÚDOS DA HGA-UNESCO

Entre os temas discutidos nos estudos que contemplam cada uma das diferentes regiões da África, e ao longo dos oito volumes, as seguintes questões são detalhadas em minúcia:

- ≈ Invenção e difusão tecnológica
- ≈ Circulação de saberes e conhecimento
- ≈ História dos diferentes povos
- ≈ Formação contínua de comunidades étnico-culturais
- ≈ Formação de Estados



Estatueta em terracota de figura ajoelhada, da região de Bankoni (1396-1586) — Império do Mali

POR QUE LER E CONSULTAR A HGA-UNESCO



Estátua
de Bronze
representando
o poder da
dinastia
Songhay de
Dargol

“Qualquer que seja a área disciplinar de atuação, o profissional da educação vinculado ao ensino, pesquisa e extensão, mesmo que por curiosidade, precisa ter contato com a História Geral da África publicada pela UNESCO a partir dos anos 1980, agora integralmente disponível em português, para se dar conta de quanto da África está presente em cada um de nós e na cultura brasileira como um todo.”

Valter Roberto Silvério, coordenador da pós-graduação em Sociologia e do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros da UFSCar

“Tenho na estante ao lado de minha mesa de trabalho os oito volumes em inglês da História Geral da África, editada pela UNESCO. Recorro a eles com frequência, e os considero indispensáveis ao conhecimento e à compreensão do rico passado do continente africano.”

Alberto da Costa e Silva, diplomata, historiador e africanólogo



Tambores reais do Reino de Kuba ≈ Séc. XIX



Yoruba,
estatuetas
femininas
para adoração
ao orixá
da criatividade
≈
Obatalá

“As políticas públicas e práticas emancipatórias e antirracistas sempre deverão considerar o importante papel da educação no contexto das lutas sociais. Essa sempre foi a compreensão do Movimento Negro. No terceiro milênio, a luta pela superação do racismo vem ganhando novos e importantes espaços sociais. É nesse contexto que a Lei nº 10.639/03 foi sancionada, o Parecer CNE/CP 03/04 e a Resolução CNE/CP 01/04 foram aprovados. Essa legislação diz respeito ao conhecimento sobre a história da África e dos afro-brasileiros e a realização da educação das relações étnico-raciais como parte constitutiva do direito à educação. A tradução e a publicação dos oito volumes da História Geral da África no Brasil encontram-se nesse campo. Trata-se não só de uma contribuição para o avanço da produção do conhecimento sobre a temática. É um ato pedagógico e político.”

Nilma Gomes, professora e coordenadora do Programa de Ações Afirmativas da UFMG e do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Relações Raciais e Ações Afirmativas (NERA).

USO E EXPLORAÇÃO

A HGA-UNESCO, graças à magnitude da pesquisa que lhe deu origem, articula informações essenciais aos mais diversos domínios do conhecimento teórico e prático.

No campo das Ciências Naturais e da Biologia, por exemplo, o volume I permite identificar o processo de hominização por que passaram as espécies ancestrais do *homo sapiens* no continente africano, ou ainda, a origem e características físicas do povo egípcio, além de suas relações com outros povos da África (cuxitas e axumitas), da Ásia e da Europa. Esse aspecto tem sido hoje apontado como importante para a compreensão mais acurada da história do conhecimento científico mundial. Há outras contribuições preciosas a esse respeito no volume II.

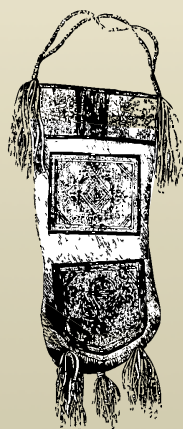
Em relação à difusão tecnológica, são fundamentais os estudos sobre a importância e especificidades da arqueologia no continente africano, assim como os capítulos sobre técnicas agrícolas pré-históricas e sobre a descoberta e difusão da metalurgia antes da era Cristã (volume I).

Ramos como a linguística e a antropologia são fartamente contemplados em todos os períodos da história, com a descrição das primeiras migrações (volume I) e, mais tarde, da influência crescente do Islã nas regiões norte e oeste da África, da expansão contínua dos povos de língua banto (volume III), dos registros escritos que se tornam mais comuns a partir do século XII (volume IV) etc.

Já sobre economia, o volume VI estabelece com precisão quais eram as principais forças de trabalho no início do século XIX, ou como foram se desenhando as relações comerciais das diversas regiões africanas com o resto do mundo. Para o Brasil, em especial, o volume VII consigna as políticas de importações e exportações no final desse século.



Sandália em couro ≈ Sudão



Bolsa em couro ≈ Mali

HGA-UNESCO NO CONTEXTO BRASILEIRO

A promulgação da Lei nº 10.639, em 2003, altera as diretrizes e bases da educação previstas pela Lei nº 9.394 de 1996 e garante na educação básica o estudo da história da África e dos africanos, a luta e a resistência do povo negro no Brasil, a sua cultura, o protagonismo na formação da sociedade nacional e o reconhecimento de suas contribuições nos âmbitos social, econômico e político.

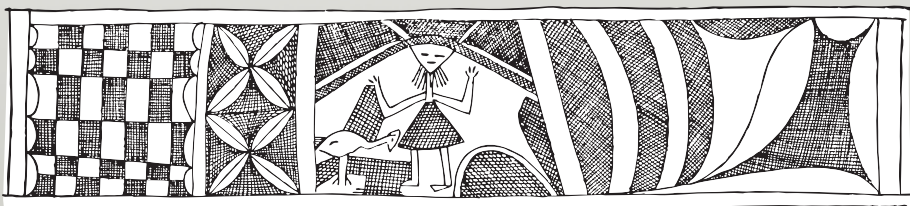
A lei fortalece a discussão das relações étnico-raciais na agenda nacional desempenhando papel fundamental para que o Brasil venha a se tornar um país onde todos reconheçam a diversidade étnico-racial como um valor que deve estar presente na sua sociedade e no interior dos sistemas de ensino, das escolas e de cada sala de aula.

Apesar dos anos de sanção da lei, sua implementação ainda requer a elaboração de novos materiais pedagógicos sobre a história e a cultura africanas capazes de demonstrar o seu valor para a origem dos diferentes povos e para a humanidade.

O Brasil tem se esforçado no sentido de assegurar novas bases para o estudo e o ensino da história da África e dos africanos, buscando, como afirma o etnólogo e historiador Carlos Moore Wedderburn:

- ≈ Oferecer material científico de “alta sensibilidade empática para com a experiência histórica dos povos africanos”.
- ≈ Atualizar e renovar o conhecimento, segundo as mais novas descobertas científicas.
- ≈ Garantir interdisciplinaridade no estudo da história da África visando, ainda nas palavras de Wedderburn, “entrecruzar os dados mais variados dos diferentes horizontes do conhecimento atual para chegar a conclusões rigorosamente compatíveis com a verdade”.

Nesse aspecto, a publicação da HGA-UNESCO é um passo importante. A edição em português põe à disposição, especialmente das instituições de ensino superior, material adequado, que servirá não apenas à formação de professores de Pedagogia, História, Sociologia, Artes etc., mas também como fonte para a produção de livros didáticos e de referência para todos os níveis de ensino.



DESAFIOS

Desde que a UNESCO editou pela primeira vez a História Geral da África, novos desafios vêm se apresentando para sua ampla difusão e aproveitamento. Uma obra de perfil enciclopédico como esta precisa ser divulgada em várias línguas e servir de base para a elaboração de novos materiais dirigidos a públicos distintos.

A intenção sempre foi a de que esse novo olhar sobre a África e sua história também chegasse, por meio de livros infantis, manuais escolares, programas de rádio e televisão etc, a crianças, jovens, estudantes, universitários e adultos, da própria África e de outras partes do mundo. Uma visão mais correta do passado do continente africano e dos fatores que o explicam permitirá a compreensão mais justa de seu patrimônio cultural e de sua contribuição para o progresso geral da humanidade, o que é especialmente relevante para esse público.

O desafio também se impõe no contexto brasileiro.

MATERIAIS PEDAGÓGICOS

O Brasil conta com a maior população originária da diáspora africana e, por isso, encontra-se em posição de destaque para a elaboração e a disseminação de conhecimentos que reflitam o reconhecimento da cultura e a resignificação da história da África e dos afro-brasileiros. Sob essa ótica, a publicação da coleção da História Geral da África em português ganha maior relevância ao possibilitar a produção de materiais pedagógicos que elucidem esse reconhecimento e reforcem os vínculos históricos, culturais, estéticos, econômicos e políticos entre o continente africano e o Brasil. A parceria entre UNESCO, Secad/MEC e UFSCar caminha nessa direção, visando principalmente o apoio ao público vinculado à educação básica brasileira. Entre esses materiais em desenvolvimento, ganham destaque:

- ≈ Livro-síntese da coleção HGA-UNESCO com conteúdos relacionados à história, cultura, economia, política, arte etc.
- ≈ Livros sobre história e cultura africana e afro-brasileira para professores da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio.
- ≈ Portal com ferramentas interativas para professores e alunos dos diferentes níveis de ensino da educação básica.
- ≈ Atlas geográfico com a cartografia do continente africano e da diáspora africana, considerando suas influências culturais, artísticas e linguísticas.



ONDE ENCONTRAR A COLEÇÃO HGA-UNESCO

A coleção História Geral da África da UNESCO estará à disposição para consulta dos interessados em todas as:

- Bibliotecas Públicas Municipais •
- Bibliotecas Públicas Estaduais/Distritais •
- Bibliotecas de Instituições de Ensino Superior (IES) •
- Bibliotecas dos polos da Universidade Aberta do Brasil (UAB) •
- Bibliotecas dos Núcleos de Estudos Afro-brasileiros (NEABs) •
- Bibliotecas dos Conselhos Estaduais/Distrital de Educação •
- Bibliotecas dos Ministérios Públicos Estaduais/Distrital •

e disponível, para livre acesso, nos sítios:

- www.unesco.org/brasil/publicacoes •
- www.mec.gov.br/publicacoes •



Taça ritual cefalomorfa destinada às libações de vinho de palma, portando incrustações de cauril no pescoço e na alça, e de latão na boca, nas têmporas e atrás da cabeça. Altura: 18 cm ≈ Kuba, centro do Zaire